



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA  
RITA

# O SECULO

## O SACRIFICIO da LUIZA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

«LUIZINHA! Oh Luizinha! Acorda aqui! Ai o que eu fiz!... Ora esta!...» — gritava, aflito, o Rui, segurando nas mãos os cacós duma linda jarra.

A Luiza correu. E, ao ver aqueles destroços, ficou também desolada:

— «Como arranjaste isto, Rui? Então tu vens mexer no *toilette* da mãe, depois do que ela nos tem dito?!...»

— «Ainda por cima vens com os ralhetes, em vez de me ajudares... Agora que o mal está feito, já não vale a pena falar mais nisso. O que é preciso é arranjar qualquer *história* para impingir à mãe!...»

— «Não. O melhor é dizeres-lhe a verdade...»

— «... *E dizeres-lhe a verdade*» — arremedou Rui. — Falas bem e depressa. Como o caso não é contigo, pouco te ralas... Talvez também aches ótimo que eu vá contar-lhe o motivo porque partiu a jarra... Sim; se fosses

eu, com esses arzinhos de santarrona, fabricavas logo meio litro de lágrimas e ias deitar-te aos pés da mãe: «Minha mãizinha, perdão!... Partiu a sua jarra bonita porque me cheirou aos bombons que tem na gavetinha do *toilette*. E, ao abrir a gaveta, embarrei na jarra e partiu-a...» *Palerma!*... Que rica ideia!... A mãe não me deixava sair amanhã e pronto... ficava o caso arrumado... las tu, que é o que te interessa...»

— «És muito mau, Rui!...»

— «Ai, eu é que sou mau e tu és muito boa. Se fosses outra irmã, em vez de estares para aí a pregar sermões, dizias-me: «Coitadito! Deixa! Não te apoquentes mais. A mãe a mim não ralha tanto. E como tu, há uns poucos de domingos, ficas em casa de castigo, vou dizer que fui eu quem partiu a jarra... Vês? Se fosses uma boa irmã era o que fazias...»

Luiza, habituada já a salvar o irmão em ocasiões aflitivas, não se revoltou contra a proposta do mau. Pensou um pouco e, por fim, concordou:

— «Está bem. Não me importo que atirem as culpas para cima de mim. Não vou acusar-me para não mentir. Mas quando a mãe chegar, se me perguntar quem partiu a jarra, calo-me e ela julga que fui eu...»

— «Ai, minha querida irmãzinha, muito obrigadinho!... Bem sabia que eras uma joia... Agora vou escapar-me para o jardim. Não quero encontrar-me com a mãe!...»

Quando, à tardinha, a mãe de Luiza e de Rui chegou de fóra e viu a jarra partida, chamou Luiza:

— «Quem partiu a minha jarra?»

Luiza, conforme prometera, baixou a cabeça sem responder. A mãe insistiu:

— «Não ouves, Luiza? Quem teve o atrevimento de vir mexer no *toilette*, depois da minha proibição? Tu ou o Rui?»

(Continúa na página 4)





# O MENINO POETA

Por J. F. S. desenhos de A. CASTAÑE

**R**EGRESSEMOS ao ano de 1773 e transportemo-nos a Setúbal.

Supunhamos estar num dia da segunda semana da Quaresma.

Numa casa de aparência abastada onde ainda hoje se pode ler uma lápide ali posta em 1864, alusiva á existencia do vulto illustre de que vamos ocupar-nos, havia luzes, notando-se certa azáfama nos criados. Chegára de Lisboa a família Barbosa, e naquele tempo uma viagem dessa categoria, fatigante e cheia de perigos e peripécias, era um facto verdadeiramente notável.

A família compunha-se do advogado doutor Soares de Barbosa, sua esposa D. Mariana, e do Manuelsinho, filho de ambos, com oito anos de idade.

Repousavam todos, em alegre convívio, quando uma criada annunciou a chegada de Nicolau Tolentino, grande poeta da época, acompanhado de D. João de Medina, padre-mestre muito inteligente e conceituado, que veio a ser professor de Manuelsinho.

Após troca de cumprimentos, Tolentino entrou a provocar conversa com o menino cuja espartesa e sagacidade conhecia:

— Gozou muito em Lisboa?

— Imenso, senhor Tolentino — retorquiu o pequeno — Se não fossem os encontros que por lá levei, nunca n-



— Cá temos o poeta, senhor doutor — afirmou Nicolau Tolentino, voltando-se para o advogado que não escondia, assim como sua mulher, um natural desvanecimento pela vivacidade e inteligência do filho.

Depois, dirigindo-se ao Manuelsinho, disse-lhe com entusiasmo:

— Vamos lá a ouvir essa primeira produção, meu futuro colega.

Nos olhos do pequeno lia-se a alegria que o convite lhe despertára, e, contudo, mantinha-se receoso. Olhava ora o pai ora a mãe com ares interrogadores.

Percebendo o intuito e a confusão, o pai fez um gesto afirmativo com a cabeça, que a criança compreendeu muito bem. Lesto, trepou a um banquinho, recitando, com entoação e muita graça, a seguinte quadra:

«Fui vér a procissão a S. Francisco,  
A que o vulgo chama da cidade,  
E, suposto o apertão, foi raridade  
Que indo eu em carne não voltasse em cisco.»

— Bravo! — exclamou Tolentino, a quem a estreia do filho do doutor Barbosa encheira de pasmo e satisfação. — Eu não faria melhor esta quadra. — E concluiu:

— Este menino irá longe!...

— E' possível — respondeu o advogado, ao mesmo tempo que atraía a si o Manuelsinho, enchendo-o de carícias — o pior é que a vida de poeta só traz fatalidades...

— Nem sempre — acudiu, tolerante, a senhora D. Ma-



minha vida teria prazer tão grande como o que tive ao vér a procissão das Cinzas...

— Gostou, então? — indagou, por seu turno, o eclesiástico.

— Tanto, tanto, que julguei o caso digno duma quadra. Pensei nela todo o dia.

# soberba castigada

Por FELIZ COSTA VENTURA

Desenhos de A. CASTAÑÉ

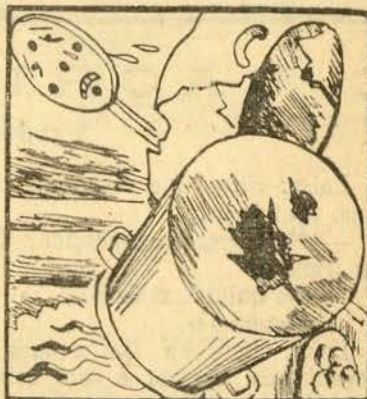


e para o belo peru  
eu sou, também, preferido.

Se eu fizer uma viagem,  
inda posso resistir;  
mas tu, de barro, como és,  
não passas sem te partir!

Volve a panela de barro:

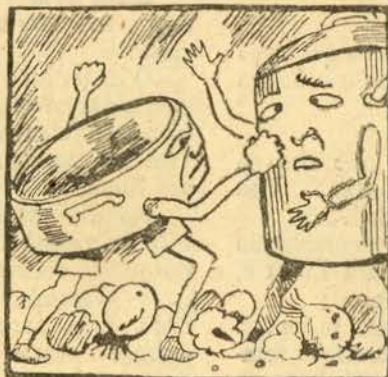
— «Em mim se cose o feijão,  
comida reconfortante;



No armário da cozinha,  
ouve grande exaltação,  
entre a panela de barro  
e um tacho de estimação.

Começam a discutir  
qual deles mais valor tinha...  
Diz o tacho todo ufano:  
— «Em mim se tosta a galinha!

Para pato e arroz tostado  
eu cá sou o escolhido,



coloquem-me isto ou aquilo,  
tudo coso num instante.

Põem-se os dois a brigar:  
qual seria o preferido!  
Sai da resfrega a panela  
com todo o fundo partido.

Ao tacho saltou-lhe o esmalte,  
ficou todo esburacado,  
acabando na despensa,  
lá num canto, abandonado.

■ F I M ■

riana, enquanto apertava nos braços o filho que para ela constituía uma esperança.

Noutos ensejos, deu Manuelsinho provas evidentes do seu estro precoce e das suas grandes faculdades de poeta repentista.

Certo dia, em que a família recebeu, como hóspede um velho amigo da casa — Antonio José da Gama — o jovem versejador, para o compensar da demora em comparecer ao jantar, e porque passava nessa ocasião o seu aniversário natalício, desfechou-lhe, de impreviso, uma linda poesia, impecável na forma e na harmonia, que assim terminava!

«Almo prazer os corações inflama,  
Tudo respira amor, tudo louvores,  
Ao festivo natal do ilustre Gama.»

Ao findar, foi unânime o côro das felicitações e da admiração dos assistentes.

— Peça-lhe me escreva êsses versos — solicitou o homenageado, abraçando, comovido, o novel poeta. — E acrescentou: — Conquistarás a imortalidade, e estas primícias do teu talento serão para mim uma glória. —

Saiu certo o vaticínio. O nome completo do menino poeta — Manuel Maria Barbosa de Bocage — está esculpido na história da literatura do nosso país como um dos maiores e mais inspirados cultores da poesia nacional.

Alegre e satírico, por vezes mesmo ao excesso, o Manuelsinho tornou-se um notável improvisador, deixando uma vasta obra poética.

O povo queria-lhe muito pelo seu feitio popular e bondoso. Foi com sincero pesar que o viu desaparecer da vida a 21 de Dezembro de 1805, erguendo-lhe um monumento em Setúbal, sua terra natal.

■ F I M ■



## O SACRIFÍCIO DA LUIZA

(Continuação da página 1)

Luiza, allita, não respondia. A mãe, zangadíssima, continuou:

— «Não queres responder? Bem. Onde está teu irmão?»

— «No quintal, mãizinha...»

— «Chama-o?»

Luiza obedeceu. Daí a nada aparecia o Rui, ofegante da corrida e cara estanhada como se nada fôsse com êle:

— «Bôa tarde, minha mãe».

— «Bôa tarde. Quem foi o autor desta proeza?»

— perguntou a mãe, em ar severo, mostrando-lhe os pedaços da jarra.

Rui, descaradamente, mentiu:

— «Sei cá, mãizinha!... Desde que vim da escola tenho estado no quintal a brincar... Mas que pena!... Uma jarrinha tão bonita!...»

A mãe convencida, pelo tom de segurança do filho, da sua inocência, voltou-se para Luiza e, num tom de profundo desgosto, começou:

— «Que tristeza, minha filha! Fôste tu, então. Até aqui tinhas uma bôa qualidade: tomavas sempre a responsabilidade dos teus actos, bons ou

maus. Hoje, consentes, em que eu por, instantes, acuse em pensamento teu irmão, visto que serias tu a última de quem suspeitaria, pois nunca te julguei capaz de mexeres em coisas proibidas. Que pena me faz tudo isto!... Emfim! Desta vez serás tu a castigada. O pai tenciona levar-nos amanhã a Cascais. Iremos sem ti... Podes retirar-te para o teu quarto...»

Luiza com as faces a escaldarem e as lágrimas a espreitarem ao canto dos olhos, saiu silenciosa.

O jantar foi triste. Só o Rui, de vez em quando, com a sua costumada inconsciência, arriscava uma *gracinha* com a qual ninguém ria. Os pais falavam em assuntos sérios, que nada interessavam aos filhos.

No dia seguinte, um domingo cheio de sol, logo de manhã a Luiza ouviu a voz do pai, à porta do quarto do irmão:

— «Vamos, Rui, levanta-te. Almoçamos mais cedo, para aproveitarmos bem o dia. Vou já à «garage» buscar o carro, para sairmos, logo, depois do almoço...»



A mãe, na cozinha, dava as últimas ordens às criadas. Na casa tudo eram preparativos alegres para o lindo passeio. Só no coraçãozinho de Luiza era noite triste e escura.

De repente, o Rui entra-lhe pela porta dentro, como um furacão:

— «Oh Luiza, és capaz de me arranjar o nó da gravata? Tu para isso tens um *jeitão*...»

Luizã, os lábios a tremerem e um nó na garganta, acedeu imediatamente ao pedido do irmão. Mas como este, sempre sorridente, parecia esquecido do sacrifício a que a sujeitava, resolveu-se a pedir-lhe:

— «Fazes-me um favorzinho, Rui? Vai ter com a mãe e, assim como coisa tua, pede-lhe que por esta vez me desculpe... Gostava tanto de ir convosco a Cascais...»

— «Tu não estás bôa da cabeça!... Julgas que servem de alguma coisa os meus pedidos? A mãe já resolveu que não vais... e não vais mesmo...»

— «Pois sim. Mas é triste a gente pagar pelos outros. Tu fizeste o mal e eu é que sofro o castigo...» — queixou-se a Luiza, revoltada contra a maldade do irmão.

— «Isso! Bonita menina! Agora atiras-me à cara com o grande favôr! O que tu és, sabes?... E's uma grandíssima manhosa!... Se calhar resolveste ir acusar-me à última hora só para teres o prazer de me ver amachucado quando vocês saírem...»

— «Não, Rui. Está descansado. Não tenhas



E a mãe respondera:

— «Tencionava já fazê-lo. Mas queria obrigá-la a pensar no seu mau procedimento até à hora do almoço. Vou agora mandá-la vestir para o passeio...»

Mas, precisamente no momento em que a mãe ia a entrar no quarto da filha, a última frase dela fê-la estacar. E, logo em seguida, ouvia-se a resposta do Rui, cínica, brutal:

— «Lá isso é!... A culpa é só tua. Quem te mandou a ti ser *trouxa*? Deixaste-te acusar por aquilo que eu fiz, agora sofre-lhe as consequências... Até *loguinho*...»

A mãe ficou tão aturdida e sentiu tal impressão de amargura que cambaleou mas endireitou-se logo e, afastando o filho, que da soleira da porta a olhava, atropalhadíssimo e assustado, entrou no quarto de Luiza:

— «Veste-te, minha filha, para saíres...» E sem acrescentar mais nada, dirigiu-se para o seu quarto, antes que os dois irmãos voltassem a si da surpresa.

O Rui, é claro, já não saiu nesse dia. Teve o grande desgosto de ver partir a família para o lindo passeio e ficar só êle em casa.

E daí a pouco tempo dava entrada num colégio fóra de Lisboa, isto é, bem longe dos pais. Estes fizeram aos professores as recomendações mais severas.

Todo o ano ali esteve, sem ver os seus.

Mas também, quando em férias grandes veio a casa, parecia outro. A atmosfera de severidade e disciplina do colégio, sem os carinhos e as fraquezas dos pais, sempre prontos a desculpar-lhe pequenas faltas, restituira-lhe as suas boas qualidades.

Não voltou a ser mau nem egoísta. Hoje é um simpático rapaz de 18 anos, aluno da Universidade e estimado por toda a gente.



mêdo. Já sabia que eras egoísta e mau, mas não tanto!... Paciência!... A culpa é minha!...»

Ora enquanto os dois irmãos assim discutiam, a mãe e o pai, que já regressara da garage, conversavam no quarto. Dizia o pai:

— «Sabes? Estou com pena da Luiza. Como foi a primeira vez que ela cometeu um acto censurável, podias perdoar-lhe...»



## Como se faz um Presépio economicamente

**M**EUS meninos:— Nestas proximidades do Natal, é natural que os nossos pequenos leitores queiram comemorar o festivo acontecimento com um pequeno Presépio que, significando o nascimento do Deus-menino, constitui, ao mesmo tempo, uma nota de beleza, de alegria e de Amor, por ser o mais representativo símbolo da Família.

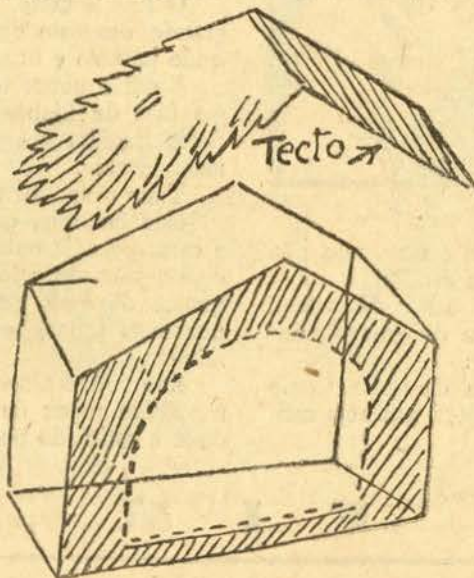
Como nem todos poderão dispôr dos necessários meios para adquirirem brinquedos com que ornamentem uma vistosa árvore de Natal, vamos ensinar-lhes a maneira de, praticamente, poderem construir um trecho da bíblica aldeia em cujo Presépio nasceu o menino Jesus.

Primeiramente, é necessário colocar sobre uma mesa ampla um ou dois colchões e duas ou três almofadas, dispostas em monte e cobertas por sacos de sarapilheira ou qualquer outro tecido grosseiro, sobre cuja superfície se deitará uma porção de areia ou serradura, recamada de musgo que, nesta época, facilmente se encontra, deixando, apenas, à vista, a areia ou

serradura nos pontos destinados a arruamentos e atalhos.

Com umas pequenas caixas de cartão, forma-se-hão as modestas casinhas da aldeia improvisada, abrindo, nas respectivas fachadas e faces laterais, uns rectângulos que simularão as portas e janelas, após pintados os umbrais, paredes de tijolo, etc., Pelo mesmo processo, com uma caixa maior, se faz o palheiro onde nasceu Jesus, abrindo na parte da frente uma ampla entrada, em cujo interior se colocarão as tóscas mas pitorescas figuras bíblicas, em barro pintado e que se encontram à venda em qualquer capelista ou bazar de brinquedos baratos.

Um pedaço de espelho partido, simulará um pequeno charco onde poderão colocar um patinho de celulóide. Umas pequenas velas, distribuídas aqui e além, darão ao conjunto, depois de acésas, um lindo efeito de feérico aspecto.



F I M

## A DIVINHAS

I  
Calcada aos pés,  
sou lodaçal.  
Mas ao invés  
o *la em al*,  
eu sou talvez  
chama imortal.

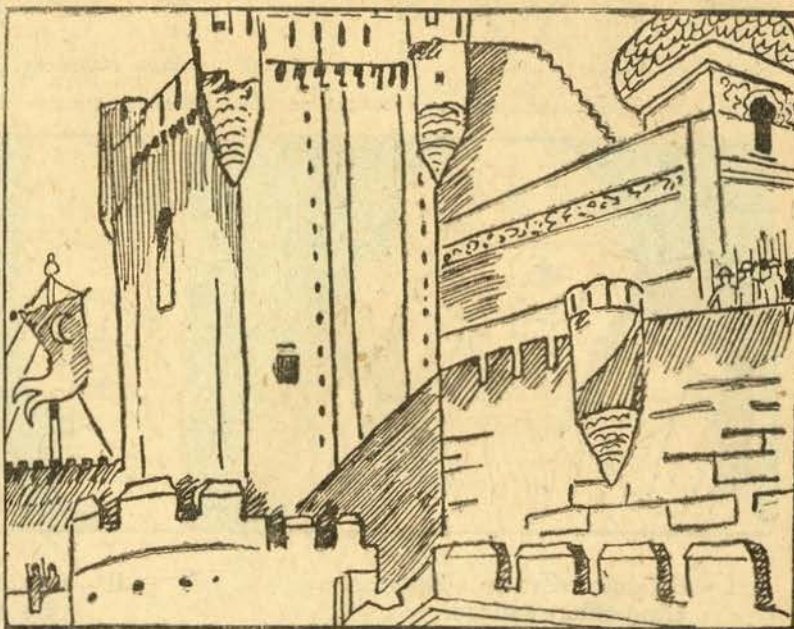
II  
Um nome eu sou,  
Mas na inversão,  
lendo ao contrário,  
eu sou claro,  
qual lampadário  
pela Amplidão,

III  
Sou belo olôr.  
Mas se me lêste  
de invés, leitor:  
Fruta silvestre,  
de bom sabôr!

### Solução das anteriores

I — Nós.  
II — Feira.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



## PROBLEMA



Meus meninos:—Vejam o que falta a este desenho propositadamente errado.

## Charadas combinadas

+ ma — Leite	+ no — Música	+ no — Tecido
+ to — Apelido	+ co — Repercussão de som	+ la — Aba de boné
+ lo — Presunçoso	+ co — Peçaço	+ la — Prisão de ave
Conceito: — Animal	Conceito: — Animal	Conceito: — Animal
+ la — Baú	+ ma — Leito	+ ro — Verdadeiro
+ ma — Leito	+ te — Poeta	+ ma — Aia
+ la — Gôma	+ to — Jôgo	+ no — Proprietário
Conceito: — Animal	Conceito: — Animal	Conceito: — Animal

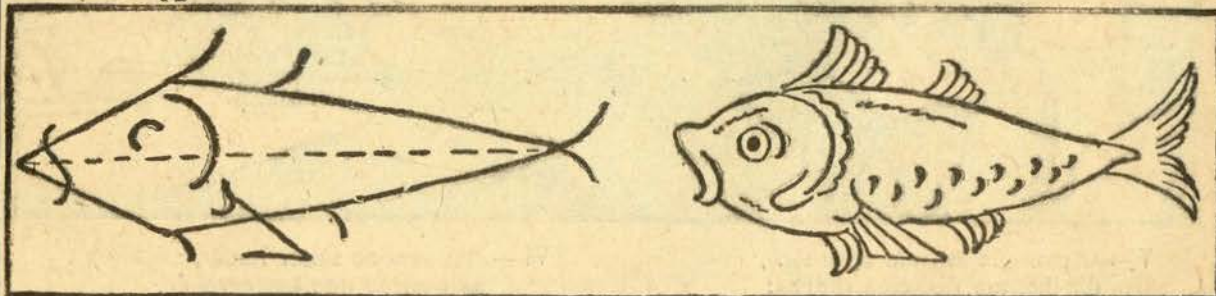
## Charadas em frase

Este homem com este animal fez o seu calçado. 1-2  
Este batráquio foi visto por esta mulher sôb aquela copa. 1-3  
Esta bruxa é a negação da virtude e o marido é um trocista. 2-1  
Aquele homem isolado na sua residência está feliz em sua casa antiga. 1-1  
A atmosfera influa na «bolha» daquele maluco que gargalhava junta á arma de guerra. 1-2-2

Solução das combinadas anteriores: I — Pimponice; II — Regulamento; III — Rancôr; IV — Saturno; V — Camaleão; VI — Regabofe; VII — Semente; VIII — Serradura.

Solução das em frase anteriores: I — Sobremesa; II — Casação; III — Bailarico; IV — Figo passado; V — Palmatoada; VI — Socêgo; VII — Criado; VIII — Lamartine.

## Lição de desenho



Como se desenha um peixe

# CIVILIDADE



I — O Doutor «Carranca-Fula»  
era o autor-sumidade  
dum livro que se intitula:  
— Livro de Civilidade,

II — foi chamado, certo dia,  
pelo papá dum petiz,  
que as suas unhas roía  
e esburacava o nariz.



III — Que coçava na cabeça  
e tirava com a mão  
a comida da travessa...  
Que era, emfim, um bodegão!

IV — Que a faca aos lábios levava,  
deixando o garfo quieto;  
mostrando que não primava  
em ser menino correcto.



V — O pai, que era um novo rico,  
diz-lhe, um dia, com rudeza;  
— «Não se põem, mafarrico,  
os cotovélos na mesa!»

VI — Mas sem se saber impôr,  
na posição que estão vendo,  
ele invocava o doutor  
de que estava carecendo.